

A RETÓRICA DE RUBEM BRAGA: IMAGENS QUE O AUTOR CONSTRÓI DAS MULHERES EM SUAS CRÔNICAS

9

RUBEM BRAGA'S RHETORIC: IMAGES THAT THE AUTHOR CONSTRUCTS OF WOMEN IN HIS CHRONICLES

FONSECA, Helena Miyazaki

Graduanda em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

E-mail: helena.fonseca@unifesp.br

CARMELINO, Ana Cristina

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Car. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa e graduada em Letras (Bacharelado e Licenciatura) pela mesma instituição.

Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: anacriscarmelino@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7576-0595>

RESUMO

Este artigo analisa crônicas de Rubem Braga que trazem em cena a figura da mulher. Considerando que, ao escrever, o autor não apenas desvela imagens de si, mas também dos outros, este artigo tem como objetivo identificar os *ethé* que Braga desvela das mulheres que são retratadas em seus textos. O estudo é fundamentado por teóricos da Retórica e da Nova Retórica, especificamente no que diz respeito à noção de *ethos*, caso de: Aristóteles (2015), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Eggs (2005), Reboul (2004), Ferreira (2010) e Fiorin (2015).

Palavras-chave: Retórica; *ethos*; crônica; Rubem Braga; mulher.

ABSTRACT

This article analyzes Rubem Braga's chronicles that bring the figure of women to the scene. Considering that, when writing, the author not only reveals images of himself, but also of others, this article aims to identify the *ethé* that Braga reveals of the women who are portrayed in his texts. The study is based on Rhetoric and New Rhetoric theorists,

specifically with regard to the notion of ethos, such as: Aristotle (2015), Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Eggs (2005), Reboul (2004), Ferreira (2010) and Fiorin (2015).

Keywords: Rhetoric; ethos; Chronicle; Rubem Braga; woman.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em seus textos, Rubem Braga discorre sobre diferentes temas, desde conflitos políticos até divagações pessoais. Em algumas de suas inúmeras crônicas, o autor aborda a figura da mulher, seja por meio de interações com ela(s), seja quando as descreve. Este é o recorte de textos a ser contemplado neste artigo. O objetivo principal do estudo é identificar as imagens mais recorrentes das mulheres retratadas nas crônicas (imagens estas construídas pelas próprias mulheres e por Braga), e por conseguinte, verificar a principal imagem que o autor desvela de si ao escrever sobre (ou interagir com) elas.

A análise é fundamentada em pressupostos de teóricos da Retórica que abordam a noção de ethos, especialmente a partir da Retórica aristotélica e da Nova Retórica. Com base nisso, serão levados em conta os seguintes autores: Aristóteles (2015), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004), Eggs (2008) e Ferreira (2010).

O corpus é constituído por nove crônicas que retratam a figura da mulher, caso dos textos “Um mundo de papel” (1958), “Uma conversa de bar” (1958), “A Deus e ao Diabo também” (1959), “Visita de uma senhora do bairro” (1959), “Remédio para mal de amor” (1967), “Águas de Leste e Papai Noel (1988), “Um braço de mulher” (1998), “Desculpem tocar no assunto” (1969) e “A mulher esperando o homem” (1969). O exame dos dados contempla apenas fragmentos que permitem a apreensão dos ethé em crônicas em que a figura da mulher apresenta um papel importante para a história contada.

O estudo se justifica por dois motivos. Um deles deve-se ao fato de a abordagem retórica ainda não ter sido explorada em análises de crônicas de Rubem Braga. O outro, que deriva de certa forma do anterior, é porque pretendemos contribuir com as pesquisas acerca das crônicas de Rubem Braga no campo retórico.

Em relação à estrutura, o artigo apresenta-se dividido em três partes principais. A primeira explora a trajetória de Rubem Braga, com o objetivo de aprofundar o estudo em crônicas do autor. A segunda expõe

os pressupostos teóricos a fim de fundamentar a análise, especialmente sobre a noção de *ethos*. Já a terceira e última parte contém a análise em si.

RUBEM BRAGA E O GÊNERO CRÔNICA

Além de escrever sobre seus sentimentos, suas impressões e experiências, Rubem Braga criticou acontecimentos e (grandes) nomes da política brasileira. Aos 23 anos, em 1936, teve seu primeiro livro publicado, *O Conde e o Passarinho*. Anos depois publicou outros, caso de: *O Morro do Isolamento* (1944), *Crônicas da Guerra na Itália* (1945), *Um pé de Milho* (1948), *O Homem Rouco* (1949), 50 crônicas escolhidas (1951), *Três Primitivos* (1954), *A Borboleta Amarela* (1955) e outros. Segundo sua biografia, escrita por Marco Antônio de Carvalho (2007), são, no total, 29 obras.

Nascido no estado do Espírito Santo, na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, em 12 de janeiro de 1913, teve seus primeiros textos publicados nos jornais de sua escola. Passou a escrever profissionalmente em 1928, quando assumiu o cargo de escritor no jornal *Correio do Sul*, administrado por seus irmãos. Após iniciar sua carreira na imprensa, estabeleceu-se em jornais, tais como *Diário da Tarde*, *Diário de São Paulo*, *Folha da Tarde*, *Diário de Pernambuco*, *Diário da Noite*, *Folha da Manhã*, *O Estado de São Paulo* e *Folha de S. Paulo* (cf. VERGARA, 2014).

Devido às frequentes publicações, ganhou popularidade e reconhecimento. No dia 21 de maio de 2020, a exemplo, a cronista Tati Bernardi, em um texto intitulado “Socorro, Rubem Braga!” (Folha de S. Paulo, 21 mai. 2020)¹, não só comenta sobre a dificuldade que sentiu (na época em que a crônica foi publicada) de escrever sobre o autor, como também complementa que gostaria de morar em um dos livros de Braga. A autora se referia à obra *200 crônicas escolhidas*. Afrânio Coutinho, crítico literário, afirma em texto no *Jornal do Comércio* (1990) que o cronista “deu força ao gênero, tornou-o da mais alta dignidade literária, com a beleza de seu estilo, a singeleza de sua palavra mágica”. Luiz Carlos Simon, professor universitário, publicou em 2004 um artigo com o nome “Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga”, que busca “valorizar o estudo da crônica”.

Não são poucas as considerações de que Braga tornou-se referência com seus textos ao longo de sua carreira. Como publicava diariamente, acumulou um acervo composto por aproximadamente 15 mil crônicas.

¹ A crônica pode ser conferida em: < <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2020/05/socorro-rubem-braga.shtml> >. Acesso em: 19 jan. 2021.

Apesar da longa carreira do autor, os estudos acerca de crônicas que versam sobre a imagem das mulheres em seus textos são raros. Na abordagem retórica, nenhum trabalho se voltou para a construção do ethos feminino em crônicas de Rubem Braga, foco deste artigo.

A representação de personagens na literatura pode estar ligada a questões sociais e culturais, mas antigamente, muitas vezes se ligava à estética. Essa estética era associada ao domínio que o autor tinha sobre determinado assunto, tendo em vista que deveria ser capaz de criar cenas e personagens “plenamente” arquitetadas e construídas.

Segundo o mesmo raciocínio, as personagens femininas, no entanto, além de “plenamente arquitetadas e construídas”, deveriam ser capazes de agradar o leitor. É o que se observa a crítica literária Lúcia Miguel Pereira em um texto publicado na revista *Anhembi* em 1954: “se o maior de todos, Machado de Assis, mostrou tão decidida predileção pelas viúvas, é que, certamente, à sua intuição segura não escapou serem elas, na vida real, as mulheres mais interessantes, mais livres, de mais desembaraçada personalidade”.

Provavelmente o raciocínio dos autores na época era o de que retratar o interessante (o diferente ou novo dentro da literatura) resultaria na atração de leitores. Rubem Braga, por outro lado, optou por retratar a realidade simples do cotidiano e mesmo assim conquistou o público com seu discurso persuasivo.

A crônica, gênero ao qual o autor dedicou grande parte de sua carreira, é considerada por alguns críticos literários como um gênero brasileiro. Na verdade, em geral, consiste em um texto curto e com reflexões acerca do cotidiano, “sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países” (MELO, 1985 p. 111).

Como não era brigado a se manter imparcial com os assuntos dos textos, um cronista, segundo Crato (1986, p. 144), “escolhe factos da actualidade, que valoriza e comenta livremente” (sic). Originadas do folhetim (do francês *feuilleton*), as crônicas inicialmente não eram reconhecidas como importantes, pois todos os textos que não seguissem as exigências jornalísticas eram publicados no espaço de rodapé (cf. NEIVA, 2008).

A presença de criações literárias favoreceu a aderência do público, pois “as massas, apenas alfabetizadas, encontraram nos jornais um estímulo à leitura”, e o gênero crônica, com os anos, “se ligou as

exigências do meio – tudo num jornal informa – e o olhar dos escritores (...) volta-se para as questões sociais e as agruras da vida cotidiana” (ARNT, 2001, p. 8).

A NOÇÃO DE *ETHOS* NA RETÓRICA E NOVA RETÓRICA

Quando se pensa na interação entre indivíduos numa sociedade, diferentes aspectos podem ser considerados a fim de se identificar como se dá o interesse e a confiança em determinado orador. De acordo com a Retórica aristotélica, a força persuasiva está no caráter desse orador, que, segundo Aristóteles (2015), deve mostrar ser digno de fé.

O filósofo propõe que o discurso mobiliza o auditório a partir de três provas persuasivas, *ethos*, *pathos* e *logos*, que correspondem, respectivamente, ao caráter moral, ao modo como se dispõem os ouvintes e ao próprio discurso. A noção de *ethos* representa a imagem – verdadeira ou não – que o orador cria de si, com o objetivo de convencer seu público.

Aristóteles (2015) também propõe três disposições retóricas ligadas ao orador que são capazes de torná-los persuasivos. São elas a *phrónesis*, a *areté* e a *eúnoia*, que representam, na devida ordem, a prudência, a virtude e a benevolência. Na leitura que faz da Retórica aristotélica, Fiorin (2015, p.71) complementa que a *phrónesis*, que se mostra pelo *ethos*, corresponde ao “bom senso, prudência, ponderação, ou seja, que indica se o orador exprime opiniões competentes e razoáveis”; a *areté*, que se mostra mais pelo *logos*, denota virtude, coragem e sinceridade; e a *eúnoia*, que remete à benevolência e benquerença, ou seja, ao orador que se revela solidário, por isso se mostra mais pelo *pathos*. Ainda a respeito das características do orador, Eggs (2008) salienta que a *phrónesis* e a *areté* se relacionam no discurso, já a *eúnoia* torna o discurso benevolente.

Nas palavras de Reboul (2004, p. 142), o *ethos* é uma característica a ser assumida para conquistar a persuasão. Para o autor, cada auditório é único, e como o primordial é “levar em conta o auditório”, é necessário que o orador esteja atento e busque se adequar para atingir às expectativas de seu público, para que seja possível agradá-lo. Além disso, Reboul (2004, p. 67) também afirma que, quando necessário, o orador deve utilizar a verossimilhança, pois “assim como o hipócrita, o autor finge sentimentos que não tem, mas sabe disso, e seu público também. Assim também o orador: pode exprimir o que não sente, e sabe disso, mas não pode informar seu público, ou destruiria seu discurso.”

Visando complementar a teoria aristotélica, Ferreira (2010) propõe que o *ethos* não corresponde somente à imagem que um orador constrói de si, mas também às imagens que ele constrói dos outros no discurso. Dessa maneira, para fundamentar a nossa análise, serão considerados os pressupostos de Aristóteles (2015), Reboul (2004), Fiorin (2015), Eggs (2008) e Ferreira (2010).

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES EM CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

Como já dito, neste texto buscamos analisar crônicas de Braga a fim de mostrar como o autor retrata a figura da mulher. Observa-se que, nos textos do autor, as mulheres não são idealizadas ou mascaradas, pois não escondem suas insatisfações ou atitudes que poderiam ser consideradas (supostamente) inadequadas. Na verdade, essas atitudes, em grande parte, são entendidas pelo autor, que então as defende. Quando, no entanto, não parece concordar, acaba por dar conselhos, buscando, de certa forma, ampará-las.

É preciso ponderar que não há garantia de que as situações retratadas nos textos sejam completamente reais, embora tivessem sido descritas como tais nos relatos pelo autor. Por trabalhar muito bem a verossimilhança, torna-se fácil crer que o cronista refletia a realidade não só de seu leitor, mas, também, a sua. Dessa forma, faz-se persuasivo, pois, por aparentar ser sincero, demonstra caráter, revelando-se digno de confiança. A esse respeito, Reboul (2004, p. 48) elucida que a sinceridade é um aspecto necessário ao orador, dado que corrobora a teoria de Aristóteles (2015), pois, ainda pelas palavras de Reboul, “sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança”.

Podemos dizer que, após a análise das crônicas selecionadas, foram compreendidas imagens (*ethé*) da figura da mulher, seja as construídas pelo autor, seja as construídas pelas próprias mulheres. Podemos destacar que um dos *ethos* mais recorrentes para a figura feminina é o de insegura. A insegurança pode ser notada por meio de trechos enunciados pela própria mulher, como se observa na crônica “A Deus e ao Diabo também” (2004), que retrata uma conversa de caráter confessional entre Braga e uma conhecida:

Disse uma palavra feia a respeito de si mesma e pediu minha opinião:

- Não é verdade? – me olhando nos olhos.

Calei-me; ela insistiu, eu fiz uma evasiva meiga:

- Você é um amor. (BRAGA, 2004, p. 373)

Na ocasião, o cronista estaria conversando com uma mulher (não identificada no texto) sobre acontecimentos da vida dela. Nota-se que ao falar sobre seu passado, e, em dado momento, a mulher demonstra-se insegura sobre si mesma, ao explicitar que precisava da opinião e confirmação do autor (“Não é verdade?”) e insiste quando ele opta por permanecer em silêncio (“Calei-me; ela insistiu”).

No que concerne às disposições retóricas, a resposta dada por Braga (“você é um amor”) demonstra características de *eúnoia*, que, segundo Aristóteles (2015), representa a solidariedade, uma vez que, mesmo não querendo responder, agiu com benevolência (com uma “evasiva meiga”) para que o assunto se encerrasse e para convencê-la de que ela não era o que acreditava ser.

Em sua fala, a mulher apresenta características de *areté*, como virtude e sinceridade, uma vez que é desbocada ao falar de si mesma. E como não respeita o silêncio de Rubem Braga (“Calei-me; ela insistiu...”), não age com prudência nem demonstra empatia por não refletir que possivelmente o estivesse colocando em uma situação desconfortável. Portanto, não apresenta características de *phrónesis* e de *eúnoia*.

Na crônica em análise, não é explicitada se seria uma insegurança sobre sua personalidade, aparência ou atitudes, fica apenas claro que a mulher se sente insegura sobre algum aspecto de si mesma, já que demonstra necessidade de obter a aprovação alheia. No mesmo texto, há outra passagem em que a insegurança é demonstrada, a qual pode ser vista quando o autor diz que “Depois, com o olho triste, confessou que às vezes danava a pensar no futuro, tinha medo”. Percebe-se, portanto, que ela se mostra insegura com relação ao futuro, por sentir medo.

A insegurança das mulheres nas crônicas em questão também pode ser observada a partir do próprio Rubem Braga, como se pode observar na crônica “Um braço de mulher”, publicada na seleção *Os melhores contos de Davi Arrigucci Jr.* (1998). A história se passa em um avião, onde o autor percebe a presença de uma senhora insegura e com medo do voo. Sobre isso, escreve: “Uma aborrecida sonolência foi me dominando, até que uma senhora nervosa ao meu lado disse que ‘nós não podemos descer!’”. Durante o trajeto, ao tentar acalmá-la, torna-se quase um protetor (como é ironizado no texto). Vejamos os seguintes trechos:

(l) Gastei cerca de meia hora com a aflição daquela senhora. Notando que uma amiga sua estava em outra poltrona, ofereci-me para trocar de lugar, e ela aceitou. Mas esperei

inutilmente que recolhesse as pernas para que eu pudesse sair de meu lugar junto à janela; acabou confessando que assim mesmo estava bem, e preferia ter um homem – o “senhor” – ao lado.

(II) Mas de que vale uma aeromoça? Ela não é muito convincente; é uma funcionária. A senhora evidentemente a considerava uma espécie de cúmplice do avião e da empresa e no fundo (pelo ressentimento com que reagia às suas palavras) responsável por aquele nevoeiro perigoso.

(III) Animei-me então a pôr a minha mão direita sobre a sua mão, que me apertava o braço. Esse gesto de carinho protetor teve um efeito completo: ela deu um profundo suspiro de alívio, cerrou os olhos, pendeu a cabeça ligeiramente para o meu lado e ficou imóvel, quieta. Era claro que a minha mão a protegia contra tudo e contra todos, estava como adormecida. (BRAGA, 1998, p. 113)

Na história retratada, o sentimento de insegurança da senhora em questão é desvelado pelo autor. Essa insegurança, diferentemente do que observamos na crônica anterior, pode ser observada pela situação (o voo) e não por questões pessoais.

Em (I), é possível perceber que a insegurança é tanta, que a presença de um simples desconhecido a conforta (“acabou confessando que assim mesmo estava bem, e preferia ter um homem – o “senhor” – ao lado.”). Em (III), a descrição detalhada do alívio sentido por ela após um gesto simples (o fato de ele ter posto sua mão sobre a dela) comprova o *ethos* em questão. Já em (II), Braga retrata a insegurança da mulher, inclusive, sobre a empresa aérea, ao dizer que ela considerava a aeromoça uma “cúmplice do avião e da empresa”.

No último caso, o autor utiliza a figura retórica denominada hipérbole para acentuar a insegurança. A hipérbole, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 331), tem como função “fornecer uma referência que, numa dada direção, atrai o espírito, para depois obrigá-lo a retroceder um pouco, ao limite extremo do que lhe parece compatível com a sua ideia do humano, do possível, do verossímil, com tudo o que ele admite de outro ponto de vista”. O termo “cúmplice” atribui um sentido negativo para a aeromoça, que não faria nada em função de prejudicar a passageira ou o voo.

À vista disso, verifica-se que a senhora retratada não age com prudência (*phrónesis*) por conta de insegurança e medo. Fiorin (2015),

em leitura da obra de Aristóteles (2015), reitera que a *phrónesis* indica que o orador exprime opiniões competentes. No caso, seria prudente acreditar na aeromoça, por exemplo, pois um passageiro desconhecido poderia estar apenas tentando acalmá-la, sem nenhuma previsão do que aconteceria até que o avião chegasse a seu destino.

Além do *ethos* inseguro, outra imagem observada com frequência nas crônicas é a da mulher triste. Em “Águas de Leste e Papai Noel” (1997), que apresenta reflexões de Braga acerca, principalmente, de datas comemorativas, podemos observar essa imagem no seguinte fragmento:

Uma senhora amiga conta da tristeza, de uma certa angústia, que sente todo fim de ano por ocasião das Festas; e até se julga um pouco mesquinha por ficar meio irritada com a agitação e alegria dos outros.

Muita gente sente isso. Já ouvi mais de uma vez frases como “detesto o Carnaval”, “odeio o Natal”, “tenho horror de festa de Ano Bom”. Conheço moças que procuram ficar sozinhas na passagem do ano e até chorar ao bater da meia-noite...” (BRAGA, 1997, p. 23)

Nesse caso, o *ethos* de triste é inicialmente construído pela própria mulher, afinal ela conta ao autor sobre a tristeza, o que significa que reconhece seu posicionamento. Sendo assim, o fragmento apresenta características de *areté*, que, nas palavras de Fiorin (2015), pode denotar a virtude das “qualidades”, a coragem. O trecho indica a sinceridade da senhora amiga ao falar de si e de seus sentimentos (“tristeza”, “mesquinha” e “irritada”). Por outro lado, a afirmação de que ela fica “meio irritada com a agitação e alegria dos outros” não demonstra a benevolência, ou seja, não manifesta *eúnoia*, uma vez que não denota solidariedade com o sentimento alheio.

A imagem de triste é também reforçada pelo cronista na frase “conheço moças que procuram ficar sozinhas na passagem do ano e até chorar ao bater da meia-noite”. Essa declaração indica que sua amiga não é a única, que várias outras mulheres compartilham o mesmo pensamento.

Da mesma forma, é possível observar o *ethos* de triste da figura da mulher, que chega a explicitar sofrimento, na crônica “Receita para mal de amor” (1967), texto escrito por Braga para aconselhar uma amiga que estaria passando por uma desilusão amorosa, como é explicado pelo próprio cronista: “Sei como você está sofrendo, e prefiro lhe responder

assim pelas páginas de uma revista – fazendo de conta que me dirijo a um destinatário suposto”.

Em um primeiro momento, mesmo com poucas informações sobre a amiga ou sobre o contexto em geral, os leitores já são avisados de que se trata de uma mulher triste, pois o motivo da escrita é logo revelado. No decorrer do texto, ele também comenta sobre a possível reação da amiga, como se pode verificar no trecho:

Isso eu gostaria de lhe dizer, minha amiga, com a autoridade triste do mais vivido e mais sofrido: amar é um ato de paciência e de humildade; é uma longa devoção. Você me responderá que não é nada disso; que você já chegou ao seu destinatário e foi devolvida como se fosse uma carta com o endereço errado. Que teve alguns dias, algumas horas de felicidade, e por isso agora sofre de maneira insuportável. (BRAGA, 1985, p. 95)

A presença da figura retórica denominada comparação, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 275), coteja “vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro”. Como se observa, essa figura, vista em “que você já chegou ao seu destinatário e foi devolvida como se fosse uma carta com o endereço errado”, é capaz de fortalecer a ideia da tristeza da amiga em questão, que é concluída com a afirmação de que “agora sofre de maneira insuportável”.

Considerando que a intenção do autor era ajudá-la, pois ele a entende (“Isso eu gostaria de lhe dizer, minha amiga, com a autoridade do mais vivido e mais sofrido”) e que seu conselho foi empático (“amar é um ato de paciência e de humildade; é uma longa devoção”), observa-se que a figura da mulher é construída com características de *eúnoia*, que, segundo Eggs (2008), é feita com benevolência e solidariedade.

Na crônica “Uma conversa de bar” (1558), por outro lado, a tristeza é notável, mas disfarçada. O texto baseia-se em uma conversa entre Rubem Braga e uma amiga de nome não revelado que recentemente tinha descoberto ter uma doença fatal. Em vários momentos a tristeza é demonstrada na crônica pelo comportamento da mulher, o que causa desconforto, como pode ser visto nos enunciados: “Ficamos um instante em silêncio. Comecei a mexer o gelo dentro do copo com o dedo” e (após uma pergunta sobre o diagnóstico) “ela encolheu os ombros”. O ato de encolher os ombros pode significar o desânimo e a tristeza em relação ao assunto. É o que se observa na fala do cronista que segue neste trecho:

Era insuportável pensar que alguém assim pudesse estar condenada. Dentro de mim eu sabia, mas não acreditava. Tive a impressão de que sua cabeça estremeceu como uma flor. Um anjo se movera junto de nós, na penumbra do bar, era o anjo da morte; e a flor estremeceu. (BRAGA, 1958, s.p.)

Ao afirmar que ela estava “condenada” e que os dois receberam a visita de um “anjo da morte”, Braga indica que sua amiga se sentiria assim pelo resto da vida, pois não havia solução. Por mais que a mulher estivesse desviando o assunto, dado que o leitor fica sabendo a partir da afirmação “era ela que mudava de conversa”. Desse modo, ao escrever a crônica, Rubem Braga opta por evidenciar os sinais marcados por elementos que indicam tristeza.

Outro *ethos* frequentemente construído pelas mulheres em crônicas de Braga é o de franca. Ao serem francas, mostram-se com características de areté, pois demonstram suas opiniões de maneira simples e sincera. Pode-se observar um exemplo dessa imagem no texto “Uma conversa de bar”. A mulher, entre o desconforto e a vontade de mudar de assunto, diz: “Todo mundo, quando tem uma doença como essa minha, procura se enganar. Eu, não”.

Com a sinceridade da afirmação, que visava acabar com a preocupação do autor em aliviar a tensão, ela demonstra que tem conhecimento da doença, a aceita e se mostra franca com sua situação, pois quando chamada de pessimista pelo cronista, responde: “Não é pessimismo não”.

A crônica “Visita de uma senhora do bairro” (1959) também retrata o *ethos* de franca. A história apresenta uma visita feita por uma desconhecida ao apartamento de Braga, e suas primeiras palavras (de acordo com o texto) são: “Você não me conhece não”. Durante a conversa, quando ela começa a fazer perguntas e ele, em duas respostas seguidas, responde com “claro”, a mulher sente certo desconforto, e segundo Braga, pergunta se é a única frase que ele sabia falar (“Perguntou se eu só sabia dizer claro”, frase com a qual demonstra irritação com a atitude do autor).

Em outro momento, ao refletir sobre um escrito de Rubem Braga com o qual ela se identificou, faz uma pergunta: “Como é que pode? Como que um homem pode sentir essas coisas? Você é homem mesmo?”. E ao descobrir a idade do autor, comenta: “É mesmo, você já está muito velho”.

Os enunciados apresentados demonstram a sinceridade com o que é dito. É possível perceber sua atitude desbocada (de *areté*) quando antes de qualquer apresentação, ela antecipa que ele não a conhece; ao questionar as respostas perguntando se ele só sabia dizer “claro”, o que poderia ter sentido de crítica; e chamar um desconhecido de “velho”. A visita mostra-se por meio de recursos da prova do *ethos*, com características de *areté*, e se apresenta como franca e desbocada.

Além de desveladas como francas, as mulheres também são retratadas como amorosas. Vejamos um excerto que consta da crônica “Desculpem tocar no assunto” (1969):

Tenho poucas mortas. Mas como são queridas! O engraçado é que à medida que o tempo passa elas vão ficando um pouco parecidas, vão-se fazendo irmãs, mesmo as que jamais se conheceram. Aparecem raramente e sempre caçoam um pouco de mim mas com um jeito de carinho. Não faz mal que não me levem muito a sério; não mereço. Mas a verdade é que nos piores momentos de minha vida sempre senti uma imponderável mão em minha cabeça; então fecho os olhos e me entrego a esse puro carinho, sem sequer me voltar para ver se é minha mãe, minha irmã ou uma doce, infeliz amiga ou apenas a leve brisa em meus cabelos. (BRAGA, 1969, s.p.)

Na ocasião, o autor comentava uma conversa que teve com um amigo sobre como pessoas conhecidas estavam morrendo, e que o “lado de lá” estava ficando cheio, por isso era possível que os mortos fizessem visitas aos vivos. Apesar de tantas mortes, a maior parte das mulheres de sua vida estavam vivas, mas as “poucas mortas” eram consideradas “queridas”.

O *ethos* de amorosa é desvelado a partir da afirmação de que, sempre que precisou, ele teve uma figura feminina como consolo. A “imponderável mão” em sua cabeça representa como as mulheres de sua vida foram (e são) amorosas com ele, a ponto de ele não precisar se preocupar em descobrir quem era, pois todas agem com carinho.

Nessa crônica, as mulheres apresentam características de *eúnoia*, mostram-se mais pelo *pathos*, pois manifestam cuidado e apoio. Da mesma forma se mostra o autor, que as lembra com benquerença. Para Eggs (2005, p. 33), a *eúnoia* “se trata de um afeto que mostra ao ouvinte que o orador é bem-intencionado para com ele”.

Quando Rubem Braga retrata situações tristes, a imagem de amorosa também é desvelada pela própria mulher. Na crônica “A mulher esperando o homem” (2004), que versa sobre casos de mulheres que esperam homens, sejam desaparecidos ou distantes por opção, é possível observar o *ethos* em questão na passagem:

O marido saíra para a revolução e lhe disse que ela não saísse de casa de maneira alguma, esperasse sua volta. Chegou a noite e ele não veio; no outro dia entraram na rua tanques russos atirando, e veio outra vez a noite, e veio outro dia, e veio outra noite, e ela esperando; cochilava um pouco sentada, acordava assustada julgando ouvir os passos ou a voz dele, até que chegou por um parente a notícia de que ele morreria. (BRAGA, 2004, p. 334)

O trecho retrata um dos relatos feitos no aniversário da revolução húngara, escrito por uma mulher que, pelas palavras do autor, “contou com simplicidade a sua história”. Desde o dia em que o marido foi para a guerra, ela obedeceu a proibição de sair de casa pois era perigoso, e o esperou até finalmente descobrir que ele não voltaria.

Essa dedicação amorosa, de quem espera incansavelmente, é descrita pelo autor por meio de uma figura retórica chamada anáfora, que consiste na repetição de determinado termo no início de orações sucessivas (cf. PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005), como se observa em: “e veio outra vez a noite, e veio outro dia, e veio outra noite, e ela esperando”. Essa construção cria o sentido de que a mulher esperou por muito tempo, e fortalece a imagem desejada. Dessa forma, Rubem Braga constrói a figura da mulher com características de *eúnoia*. Ao esperar, ela estaria mostrando submissão ao pedido do marido.

Por fim, alguns exemplos mostram a figura da mulher determinada, outro *ethos* observado nas crônicas. Vejamos um trecho da crônica “Um mundo de papel” (2009):

O senhor imagina o que é isso para uma pessoa moça que se esforça para melhorar de vida? As taxas pagas, o dinheiro dos professores, das passagens, o tempo perdido, a decepção...”

A história que essa carta me conta é triste e banal. Houve um concurso para escriturário de determinada autarquia. A moça inscreveu-se, tomou cursos, estudou meses, fez as provas, foi aprovada, foi classificada, chorou de alegria

quando a mãe a beijou, ficou esperando a nomeação, passaram-se dois anos, ela não foi nomeada e o concurso não vale mais (BRAGA, 2009, p. 103)

O trecho apresentado é o que inicia a crônica em questão. O texto, a partir da reflexão da situação da mulher que escreveu a carta, funciona como crítica ao sistema de cargos públicos no Brasil, pois a história contada acontece com frequência no país, como o próprio autor comenta, “um homem me conta história idêntica”.

Apesar do final “triste e banal”, pelas palavras de Braga, a determinação da mulher em passar no concurso público é descrita em dois momentos: pela própria mulher, e pelo cronista. No início ela descreve sua preparação para alcançar seu objetivo, fala sobre “as taxas pagas, o dinheiro dos professores, das passagens, o tempo perdido...”. Isso significa que sacrificou dinheiro e tempo pois estava determinada em alcançar sua meta.

O *ethos* da mulher determinada ainda é confirmado pelo autor no enunciado em que diz que “a moça inscreveu-se, tomou cursos, estudou meses, fez as provas, foi aprovada, foi classificada, chorou de alegria quando a mãe a beijou...”. Assim, a mulher prova sua determinação em um projeto longo, e que ela o alcançou, mas não o concretizou.

Quando se mostra determinada, a mulher vista nessa crônica apresenta características de *areté*. O autor, ao falar da mulher que escreveu a carta, classificou sua história como “simples e banal”, e a descreveu de maneira sincera – apontando suas opiniões sobre o assunto (a crônica critica o sistema de concursos públicos no Brasil).

Retomando a crônica “Visita de uma senhora do bairro”, o leitor também se depara com uma mulher determinada. Sobre o encontro, Braga escreve: “Morava no bairro, já tinha me visto uma vez na praia e era casada: ‘Vivo muito bem com meu marido. Mas se ele soubesse que eu vim aqui ficaria furioso, você não acha?’”.

Nessa situação, a mulher demonstra que suas atitudes não dependem de outra pessoa, pois mesmo sabendo que se seu marido soubesse da visita “ficaria furioso”, ela a fez, e ainda comenta com tom de deboche ao perguntar se o autor concorda com ela (“você não acha?”).

Como descreve o acontecido de maneira franca, trabalha nessa construção o *ethos* de *areté*, pois se mostra de maneira sincera, como propõe Aristóteles (2015). A escolha de comentar sobre seu marido

de forma quase desrespeitosa, por outro lado, faz com que a mulher não tenha *ethos* de *phrónesis*, pois não utiliza do *logos* para apresentar opiniões competentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma seleção de crônicas de Rubem Braga, este estudo buscou mostrar a construção dos *ethé* das mulheres nesses textos. A análise permitiu verificar que essas imagens são apreendidas tanto pelas próprias mulheres quanto pelo cronista. Desse modo, verificou-se que os *ethé* mais recorrentes nas crônicas são de mulher triste, insegura, franca, amorosa e determinada.

Sobre as disposições retóricas, aquelas que caracterizam o orador, as mulheres apresentam principalmente características de *areté* quando se apresentam ou são apresentadas como: a) inseguras, pois demonstram com sinceridade suas dúvidas e medos; b) tristes, pois apresentam uma das virtudes das qualidades descritas por Fiorin (2015), no caso a coragem; c) francas, ao terem atitudes desbocadas; d) determinadas, especialmente quando a imagem é construída pelo autor, que se mostra sincero ao descrever a determinação. Entretanto, quando assumem o papel de amorosas, valem-se da *eúnoia*, pois manifestam cuidado e apoio.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.
- ARRIGUCCI JR., Davi. (Org). **Rubem Braga**: os melhores contos. São Paulo: Global, 1998.
- ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo**: o folhetim e a crônica. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.
- BERNARDI, Tati. Socorro, Rubem Braga. Folha de S.Paulo, 21 mai. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2020/05/socorro-rubem-braga.shtml>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- BEZERRA, Kátia da Costa; DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis (Org). **Gênero e representação na Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 267.
- BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana!** São Paulo: Global, 2019.
- BRAGA, Rubem. **A mulher esperando o homem**. Portal da Crônica Brasileira, 2018. Disponível em: < <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12023/a-mulher-esperando-o-homem>>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- BRAGA, Rubem. **A traição das elegantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 95-97.

BRAGA, Rubem. **Desculpem tocar no assunto**. Portal da Crônica Brasileira, 2018. Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12025/desculpem-tocar-no-assunto>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

BRAGA, Rubem. **Um cartão de Paris**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 23.

BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. São Paulo: Record, 2004, p. 373-374; p. 375-376; p. 334-336.

COUTINHO, Afrânio. Rubem Braga. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1990.

CRATO, Nuno. **Comunicação Social** – A Imprensa. Lisboa: Presença, 1986, p. 144.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: 2010

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Vozes, 1985.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **A crônica no jornal impresso brasileiro**.

Disponível em <www.unirevista.unisinos.com.br>. Acesso em: 19 jan. 2022.

PEREIRA, Lúcia Miguel. As mulheres na literatura brasileira. **Revista Anhembi**, São Paulo, dezembro, 1954. Vol. XVII, n. 49.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução: Maria E. A. P. Galvão. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 44-49.

SIMON, Luiz Carlos. Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga. **Gragoatá**, v. 9, n. 17, 19 dez. 2005.

Recebido em: 15/02/2022

Aceite em: 22/06/2022